

## **A PESQUISA ENQUANTO ARTESANATO: APOSTAS FEMINISTAS PARA A PESQUISA INTER(IN)VENÇÃO**

Larissa Ferreira Nunes

*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Bolsista FUNCAP/CE.  
larissafnpsico@gmail.com*

João Paulo Pereira Barros

*Professor do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.  
Joaopaulobarros07@gmail.com*

*Simpósio Temático 08 – COMBINARAM NOS MATAR, MAS NÓS COMBINAMOS NÃO MORRER: TROCAS DE SABERES RESISTENTES*

### **RESUMO**

Pesquisar em meio à pandemia de covid-19 tem sido um grande desafio, tanto pelo mal-estar que a situação causa no pesquisador/a, quanto também pelas dificuldades que o campo apresenta ampliada pela situação. Decidi apostar na re-inventividade e me desbravar nas lentes feministas para re-pensar a pesquisa-intervenção enquanto ferramenta de contraposição à pesquisas “duras” e engessadas pelo positivismo científico e também pelo distanciamento físico em decorrência da pandemia. O objetivo dessa pesquisa é discutir, a partir dos feminismos de Glória Anzaldúa, Sandra Harding e Donna Haraway, contribuições para radicalizar a inventividade na pesquisa-intervenção. Enquanto ferramenta inter(in)ventiva, as noções de “objetividade maior” de Sandra Harding e de “saberes localizados” de Donna Haraway contribuíram para pensar uma metodologia corporificada, isto é, uma racionalidade posicionada, a favor de um conhecimento situado e localizado como contraposição dos modos de pesquisar que ainda pregam a (utópica) neutralidade e hierarquia científica, portanto, saberes irresponsáveis. Corroborando a isso, Glória Anzaldúa aponta para as potencialidades da escrita enquanto ferramenta de produção de afetos e reinvenção. Nesse sentido, apostar na pesquisa-inter(in)venção feminista é produzir um artesanato junto a vozes subjugadas, as quais tem maior probabilidade de denunciar os sistemas de poder hegemônicos e seus mecanismos de manutenção opressores. É, portanto, estar em consonância com novas práxis de pesquisa, o posicionamento ético-político diante da realidade estudada e com a transformação social.

**Palavras-chave:** Epistemologia feminista, Pesquisa-intervenção, Metodologia.

### **ABSTRAT**

Researching in the midst of the covid-19 pandemic has been a great challenge, both because of the discomfort that the situation causes in the researcher, and also because of the difficulties that the field presents, amplified by the situation. I decided to bet on re-inventiveness and explore the feminist lens to rethink intervention research as a tool to counteract “hard” research, plastered by scientific positivism and also by the physical distance resulting from the pandemic. The objective of this research is to discuss, based on the feminisms of Glória Anzaldúa, Sandra Harding and Donna Haraway, contributions to radicalize the inventiveness in intervention research. As an inter(in)ventive tool, the notions of “greater objectivity” by Sandra Harding and “localized knowledge” by Donna Haraway contributed to thinking about an embodied methodology, that is, a positioned rationality, in favor of a situated and localized knowledge as opposition of the ways of researching that still preach the (utopian) neutrality and scientific hierarchy, therefore, irresponsible knowledge. Corroborating this, Glória Anzaldúa points to the potential of writing as a tool for the production of affection and reinvention. In this sense, betting on feminist inter(in)vention research is to produce handicrafts together with subjugated voices, which are more likely to denounce hegemonic power systems and their oppressive maintenance mechanisms. It is, therefore, to be in line with new research praxis, the ethical-political position in the face of the studied reality and with the social transformation.

**Keywords:** Feminist Epistemology, Intervention Research, Methodology.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta reflexões sobre o campo da pesquisa, parte da experiência da própria autora que tem esboçado na tese a criação inter(in)ventiva de modos de pesquisar e da produção do conhecimento, sobretudo a partir dos apontamos das autoras Gloria Anzaldúa, Sandra Harding e Donna Haraway.

É uma construção de um saber situado, orgânico e parcial. A tese está ligada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), integra um coletivo de pesquisas do Grupo de Pesquisa e Intervenções sobre Violência, Exclusão Social e Subjetivação (VIESES). Seu objetivo é analisar narrativas sobre trajetórias produzidas por mulheres lésbicas integrantes de movimentos, coletivos ou outro tipo de agrupamento que discutem formas de enfrentamento à lesbofobia no Ceará.

Desde o que globalmente chamamos de segunda onda do feminismo, os movimentos de mulheres e diferentes correntes feministas têm pautado diferentes formas de enfrentamento ao sistema patriarcal, também é perpassado pela produção de pesquisas, entendendo-as como importantes ferramentas de produção não somente de conhecimento, mas de postulados que produzem e sustentam as relações de poder (FOUCAULT, 1995; COLLINS, 2019).

Como diz Donna Haraway (1995), o conhecimento é teorizado a partir de movimentos de poder. Ao proporem radicalizar essa forma de conhecimento, que nada modificava, feministas denunciaram a ideia de objetividade e imparcialidade presentes nos modelos hegemônicos (HARDING, 1993; HARAWAY, 1995).

Atualmente o mundo tem passado por uma pandemia, ocasionada pelo Sars-Cov-2, conhecida como pandemia da COVID-19 (CASTRO-SILVA; IANNI; FORTE, 2021). Dentre outros fatores, tais como a crise sanitária e a ampliação da desigualdade social, a condição de pandemia trouxe novos desafios para o campo de pesquisa.

Pensando nisso, a partir do questionamento “de que modo aportes feministas podem contribuir para reinventar o modo de fazer pesquisa?”, o objetivo é “discutir, a partir dos feminismos de Glória Anzaldúa, Sandra Harding e Donna Haraway, contribuições para radicalizar a inventividade na pesquisa-intervenção, ou como é denominado aqui, pesquisa-inter(in)venção.

A pesquisa-intervenção é um tipo de metodologia participativa, a qual é sustentada na invenção e na implicação do sujeito que pesquisa, além disso, baseia-se que o conhecimento é processual e inseparável da produção de afetos, da vida e de novas análises (ROMAGNOLI, 2014).

Diante disso, a implicação é um dispositivo central no trabalho de campo. Segundo as autoras Coimbra e Nascimento (2008), estar implicado, é estar atento as diferentes implicações que constituem e surgem no processo de pesquisa, é por em análise não somente a pesquisa, o campo de estudo ou “objeto” estudado, mas o próprio sujeito que pesquisa.

A pesquisa-intervenção é uma ferramenta que consiste em estudar coletividades em sua dimensão qualitativa, a qual versa sobre a construção de uma experiência compartilhada sem dicotomizar o pesquisar do “objeto”. Dessa forma, o texto a seguir apresenta algumas contribuições feministas para radicalizar e contribuir para reinvenção da pesquisa-intervenção e na aposta de novas práxis de pesquisa.

## **DESENVOLVIMENTO**

Não se pode cair na armadilha da ciência enquanto lugar imparcial, neutro e que sempre vise melhorias sociais, políticas ou econômicas. Essa ciência que se propõe a isso, mantém intacta mecanismos hegemônicos, baseado em uma certa universalidade e

ferramentas coloniais. Segundo Harding (1986), todo saber produzido é uma ciência que parte de algo já existente, desse modo, essa produção pode atuar em duas dimensões, para manutenção do atual modelo ou àquela que corrobora para tencionar a realidade.

Sandra Harding (1993), ao questionar a produção de conhecimento universal e neutro, denuncia que os produtores da ciência que recebe esse *status* de científico, é produzida por grupos privilegiados que partem de padrões pré-estabelecidos e que vivem distante da realidade estudada. Em suas palavras “nós, como feministas, nos encontramos perversamente conjugadas ao discurso de vários cientistas praticantes os quais, uma vez tudo dito e feito, acreditam principalmente que está descrevendo e descobrindo coisas através de sua construção e de sua argumentação” (HARAWAY, 1995, p. 15)

Para contrapor a isso, é assumir uma postura ético-política que perpassa pelos aportes feministas, conhecimento situado e da não divisão entre sujeito-objeto. Isso é, trazer à tona uma realidade posicionada e ser contrário à produção de conhecimento não localizado (HARAWAY, 1995). Uma racionalidade posicionada, portanto, “um argumento a favor do conhecimento situado e corporificado e contra várias formas de postulados de conhecimento não localizáveis e, portanto, irresponsáveis” (HARAWAY, 1995, p.22).

Por exemplo, o campo dos estudos de gênero tem sido amplamente disputado, no entanto, uma análise ancorada nas diferenças partiu do feminismo de mulheres não brancas, sobretudo do movimento de mulheres negras, as quais argumentavam que a opressão de mulheres não poderia ser entendido somente pelo viés de gênero, mas deve atender-se para as diferenças múltiplas entre as mulheres e de que modo as diferenças constituem suas realidades. Tal fato veio a desenvolver o que hoje é conhecido por feminismo interseccional (ANZALDÚA, 2021).

Haraway (1987, 1993) e Sandra Harding (2019), apontam que para uma mudança efetiva, é necessário não ignorar essa ciência irresponsável com à justiça social, mas fazer uso delas e mostrar suas incoerências e totalizações. Harding (1993), defende a ciência feita de baixo, não sobre, mas com os excluídos e sem ignorar sua realidade. Ou seja, para essa autora, esse tipo de pesquisa exige uma objetividade forte, implicada. Para Anzaldúa (2021), essa produção é perpassada pela força da escrita, sendo importante não se deixar vender a própria ideologia pelos modismos sentimentais ou teóricos, uma escrita que deve ser orgânica. Segue sua reflexão:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva dessa complacência que temo. Porque não tenho escolha. Porque preciso manter vivos o espírito de minha revolta e a mim mesma. Porque o mundo que crio na escrita compensa aquilo que o mundo real não me dá. Ao escrever, eu organizo o mundo, ponho nele uma alça em que posso me segura. Eu escrevo porque a vida não satisfaz meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que outros apagam quando eu faço, para reescrever as histórias mal-escritas que eles contaram de mim, de você. Pra ficar mais íntima comigo mesma. Pra me descobrir, pra me preservar, pra me fazer, pra ter autonomia. Pra dissipar os mitos de que sou uma profeta louca ou uma pobre alma soberdora. Pra me convencer de que tenho valor e de que o que eu tenho a dizer não é um monte de merda. Pra mostrar que eu posso e que eu vou escrever, mesmo que me ameacem pra não escrever. E vou escrever sobre as imencionáveis, sem me importar com o suspiro ultrajado da censura e do público. E, por fim, eu escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho mais medo ainda de não escrever (ANZALDÚA, 2021, p. 51-52).

Collins (2019), nesse sentido, alerta a opressão e apagamento que mulheres negras sofriam – e ainda sofrem – por não ter sua produção/escrita reconhecida. Para essa autora, essas mulheres então começaram a criar suas linhas de fuga, formas de subverter a lógica da escrita e de como fazer que essa escrita chegue a outros lugares, aponte outras narrativas.

Ou seja, as mulheres negras criaram uma epistemologia localizada a partir de suas realidades. Assim, conseguiram burlar o sistema, como por exemplo a força do feminino negro no mundo, além de produzir novas narrativas e contrapor a história única (CHIMAMANDA, 2019).

O feminismo em sua cumplicidade com a aposta decolonial toma para si a tarefa de reinterpretação da história em chave crítica da modernidade, já não apenas por seu androcentrismo e misoginia, como tem feito a epistemologia feminista clássica, mas também dado o seu caráter intrinsecamente racista e eurocêntrico (MIÑOSO, 2020, p. 5)

Além disso, esses novos olhares denunciam à contínua colonialidade que atua nos jogos de força, relações de poder e nas produções de subjetividades, opressões e tecnologias de controle (ANZALDÚA, 2021; FOUCAULT, 1995).

Nesse sentido, a narrativa de sujeitos subalternizados, os quais vivenciam e são atravessados negativamente pelas desigualdades, tem grande chance de apresentar perspectivas que desmantele esse sistema, nas palavras de Haraway (1995, p. 23) “são preferidas porque, em princípio, são as que têm menor probabilidade de permitir a negação do núcleo crítico e interpretativo de todo conhecimento”.

Esse tipo de pesquisa, aponta Haraway (1987), utiliza-se de um saber localizado, esse saber oriundo da reconstrução da objetividade na produção de conhecimento, a objetividade corporificada ou uma objetividade maior, tal como aponta Harding (1983). Principalmente aqui faz-se importante a força de Glória Anzaldúa (2021) coloca na escrita.

A escrita é um lugar único, espaço transicional em que o/a pesquisador/a materializa seus achados e tem uma responsabilidade ética daquilo que pode ser desencadeado a partir da pesquisa. Nesse sentido temos a aprender com as feministas negras, as quais produzem epistemologias localizadas com base na realidade vivida (COLLINS, 2019).

Sendo assim, essa tríade, Anzaldúa, Haraway e Harding, possibilita pensar um projeto ético-político que não se reduz ao processo de pesquisa ou a produção de conhecimento, mas que contribui para repensar as relações sociais localizável, situada e corporificada na produção de novos afetos, outras histórias e mundos.

Por isso, a pesquisa-intervenção é relativizada, na qual, sobretudo em tempos pandêmicos, devemos investir, inventar e incorporar novos fazeres éticos que vise produzir coletivamente. Esse é um giro epistemológico que possibilita novas práxis (FREIRE, 1987) a partir de pesquisas-inter(in)venções, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social (CASTRO-SILVA; IANNI; FORTE, 2021), onde tecnologias mortíferas mais operam no controle da vida e produção da morte.

Em suma, Donna Haraway (1995), discute sobre a importância de produzir saberes localizados, já que o conhecimento é teorizado a partir de movimentos de poder, não necessariamente em direção da verdade ou coletividade, mas de sua manutenção de uma ciência oligárquica. Para Haraway (1995, p. 16): “precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro”.

Por isso, para as autoras feministas como Haraway (1995), Harding (2019) e Anzaldúa (2021), destrincham a ciência moderna ao colocar em análise a categoria “objetividade” na produção do saber não localizado (descorporificado).

Sendo assim, é necessária uma objetividade maior (HARDING, 1993) ou objetividade corporificada (HARAWAY, 1995), o dito saber localizado, partir da posição

da subalterna/estrangeira (ANZALDÚA, 2005) para uma epistemologia corporificada, específica e particular de uma realidade historicizada.

Essa pesquisa-inter(in)venção, enquanto uma proposta metodológica e epistemológica, parte de tantas mulheres feministas, sobretudo as aqui citadas, que juntas, ao produzir um nós e reinvenção do mundo, constroem conhecimentos apesar das tecnologias bio-necropolíticas (LIMA, 2019) que continuamente tentam aniquilar as alteridades e gerir sujeitos subalternizados.

## **CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse estudo foi proposto uma discussão acerca da produção de conhecimento a partir da pesquisa-intervenção dialogando com autoras feministas, sobretudo Gloria Anzaldúa, Sandra Harding e Donna Haraway. A partir de suas críticas à objetividade neutra, imparcial e hegemônica, produzida e sustentada em uma estrutura de dominação colonial, foi possível pensar pistas para reinventar e radicalizar a intervenção das pesquisas, colocando, por exemplo, em foco a inseparabilidade e horizontalidade da realidade vivida, estudada e pesquisada.

Enquanto ferramenta inter(in)ventiva, as noções de “objetividade maior” de Sandra Harding (1986, 2019) e de “saberes localizados” de Donna Haraway (1995) contribuíram para pensar uma metodologia corporificada, isto é, uma racionalidade posicionada, a favor de um conhecimento situado e localizado como contraposição dos modos de pesquisar que ainda pregam a (utópica) neutralidade e hierarquia científica, portanto, saberes irresponsáveis.

Corroborando a isso, Gloria Anzaldúa (2021) aponta para as potencialidades da escrita enquanto ferramenta de produção de afetos, cura e produção de outras narrativas contra hegemônicas. Escrita orgânica, visceral e corporificada.

Nesse sentido, apostar na pesquisa-inter(in)venção feminista é problematizar estruturas de pesquisas cristalizadas, produzir um artesanato junto às vozes subjugadas, das quais há uma maior probabilidade de denunciar os sistemas de poder hegemônicos e seus mecanismos de manutenção opressores.

Uma produção de saber alinhada aos olhares críticos do feminismo, é, portanto, estar em consonância com novas práxis de pesquisa, o posicionamento ético-político diante da realidade estudada e com a transformação social.

Uma produção de saber que parte das margens, tornando-as centro de análise e de potência de vida, é um giro epistemológico e decolonial necessário, no qual afirma-se enquanto uma estratégia de desarticulação do sistema atual.

Apostar nessa ideia, é produzir artesanalmente junto às vozes subalternizadas, é fazer da margem o centro, como aponta hooks (2020), é tencionar e denunciar os sistemas de controle e manutenção de históricas oligarquias, é, portanto, estar em consonâncias com novas práxis.

Sendo assim, são análises e reflexões que visibilizam, por exemplo, a imbricação das questões raciais, de classe, de gênero, cisgenera, que atravessam inclusive quem pesquisa. É uma forma de pesquisar que destaca a experiência de vida como fonte de conhecimento, em que quem pesquisa e quem contribui com a pesquisa, seja um território ou um grupo específico, devem dialogar e não sobrepor, pesquisar entre e com coletividades.

## **CITAÇÕES E REFERÊNCIAS**

ANZALDÚA, G. **A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios**. Brasília: A bolha editora, 2021.

ANZALDÚA, G. La conciencia de la mestiza: rumo a uma nova consciência. **Estudos feministas**, v. 13, n. 3, p. 704-719, 2005.

CASTRO-SILVA, C. R.; IANNI, A.; FORTE, E. Desigualdades e subjetividade: construção da práxis no contexto da pandemia de covid-19 em território vulnerável. **Saúde Soc.**, v. 30, n. 2, p. 01-09, 2021.

CHIMAMANDA, N. A. **O perigo da história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: GEISLER, A. R. R.; ABRAHÃO, A. L.; COIMBRA, M. C. B. (Orgs.). **Subjetividades, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos em saúde**, Rio de Janeiro: Editora FAPERJ, 2008, p. 143-153.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**. São Paulo: Boitempo, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

HARAWAY, D. (1987) A manifesto for Cyborgs: Science, technology, and socialist feminism in the 1980s. **Australian Feminist Studies**, v. 2, n. 4, p. 1-42, 1987.

HARDING, S. Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo. **Em construção**, n. 5, p. 143-162, 2019.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Estudos feministas**, n. 1, p. 7-31, 1993.

HARDING, S. The Curious Coincidence of African and Feminine Moralities. In: MEYRS D.; KITTAY, E. (Orgs.). **Women and Moral Theory**. Totowa. NJ: Rowman & Allenheld, 1986.

hooks, b. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Editora perspectiva, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz, e Terra, 1987.

FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. (Orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

LIMA, F. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe, **Arquivos brasileiros de Psicologia**, v. 70, n. esp., p. 20-33, 2019.

MINIÑOSO, Y. E. Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental, **MASP Afterral**, 2020, Disponível

em: < <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgwydI1C.pdf>>. Acesso

em: 01 agos de 2021.

ROMAGNOLI, R. C. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista.

**Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 44-52, 2014.